

 <p>ESCOLA DE HUMANIDADES</p>	<p><b>VERITAS</b> (PORTO ALEGRE) Revista de Filosofia da PUCRS Veritas, Porto Alegre, v. 68, n. 1, p. 1-4, jan.-dez. 2023 e-ISSN: 1984-6746   ISSN-L: 0042-3955</p>
<p><a href="http://dx.doi.org/10.15448/1984-6746.2023.1.44059">http://dx.doi.org/10.15448/1984-6746.2023.1.44059</a></p>	

SEÇÃO: RESENHA

## SOUZA, Ricardo Timm. *Crítica da razão idolátrica: tentação de Thanatos, necropolítica e sobrevivência*. Porto Alegre: Zouk, 2020.

Judikael Castelo

Branco<sup>1</sup>

[orcid.org/0000-0002-4551-2531](https://orcid.org/0000-0002-4551-2531)  
[judikael79@hotmail.com](mailto:judikael79@hotmail.com)

Recebido em: 25 nov. 2022.

Aprovado em: 7 jun. 2023.

Publicado em: 14 set. 2023.

**Resumo:** *Crítica da razão idolátrica*, de Ricardo Timm de Souza, representa, acima de tudo, um esforço para compreender um "mundo doente". No entanto, é importante ressaltar que não se trata meramente de mais um exercício de diagnóstico desse mundo, ou seja, não é apenas uma nova abordagem dos inúmeros problemas que o cercam, embora essa tarefa seja sempre relevante. Na obra em questão, a *crítica* vai além da análise de um mundo enfermo e das suas condições; ela também aponta para o "estado de suspensão" característico da crítica filosófica contemporânea, diante de um universo repleto de ideias, imagens e ações que transformaram o mundo atual em um "imenso e infernal maquinismo de conversão incessante de qualidades e singularidades em quantidades e generalidades".

**Palavras-chave:** morte; totalidade; idolatria; necroética.

**Abstract:** Ricardo Timm de Souza's *Critique of Idolatrous Reason* represents, above all, an effort to understand a "sick world". However, it is important to emphasize that it is not merely another diagnostic exercise of this world, that is, it is not just a new approach to the countless problems that surround it, although this task is always relevant. In the work in question, criticism goes beyond the analysis of a sick world and its conditions; it also points to the "state of suspension" characteristic of contemporary philosophical criticism, in the face of a universe full of ideas, images and actions that have transformed the current world into an "immense and infernal machinery of incessant conversion of qualities and singularities into quantities and generalities".

**Keywords:** death; totality; idolatry; necroethics.

O livro *Crítica da razão idolátrica*, de Ricardo Timm de Souza (p. 9), é, antes de tudo, um esforço em vista da compreensão de um "mundo doente". No entanto, ninguém se engane, não se trata de mais um exercício de diagnóstico desse mesmo mundo, quer dizer, de outra enunciação – por mais importante que essa tarefa seja – dos seus muitíssimos problemas. Nessa obra, a *crítica* não se esgota na análise de um mundo adoecido nem no conhecimento das suas condições; antes, ela aponta igualmente para o "estado de suspensão" que caracteriza a atual crítica filosófica diante de um universo de ideias, imagens e atos que tornaram o mundo contemporâneo um "imenso e infernal maquinismo de transformação contínua de qualidades, singularidades, em quantidades, generalidades" (p. 12).



Artigo está licenciado sob forma de uma licença  
[Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

<sup>1</sup> Universidade Federal do Tocantins.

Para romper também com essa "suspensão", Souza aborda o problema a partir da noção de idolatria, o que, segundo os argumentos expostos, tem o mérito de sintetizar, em sua *essentia*, alguns dos sintomas mais sentidos de nosso contexto atual, como a resistência à Alteridade, a proliferação de promessas vazias, as retóricas condescendentes para com o insuportável e, por fim, a tentação do Thanatos.

Isso posto, a obra gira em torno de ideias que funcionam justamente como seu alicerce. Em primeiro lugar, está a própria compreensão do que se entende por idolatria, apresentada, desde o início, como "uma *forma geral de funcionamento* das sociedades contemporâneas", ao que se acrescenta imediatamente: "com potencial destrutivo de difícil alcance e previsão" (p. 11). Em segundo lugar, porquanto se concebe que "filosofar, hoje, é combater de todas as formas a racionalidade idolátrica em todas as suas manifestações e em todos os momentos" (p. 274), trata-se sempre de uma reflexão sobre a natureza da própria filosofia e sobre a tarefa do filósofo em um mundo colonizado pela "razão vulgar" (p. 13).

No que concerne à idolatria, é absolutamente imprescindível destacar a cifra usada por Souza quando assevera que "não apenas o ponto de chegada da idolatria é a morte, mas que, igualmente, o ponto de partida dos processos de idolatrização, por mais diversos que sejam entre si, é igualmente, a morte" (p. 130). É justamente a partir da compreensão da relação entre idolatria e morte que o autor desenvolve alguns dos seus principais argumentos, apontando, primeiramente, para as "condições e expressões da racionalidade idolátrica" (Primeira parte), para depois dedicar-se às "condições e estruturas de sua crítica" (Segunda parte).

Para tanto, Ricardo Timm de Souza recorre – com o domínio que distingue os seus trabalhos – a um extenso elenco de pensadores, passando por Flusser, Klemperer, Arendt, Kafka, Benjamin, Eco, Friedman, Mbembe, Rosenzweig, Adorno e Levinas – em uma lista aqui meramente exemplar, não exaustiva. O que nos parece infinitamente mais importante é o fato de que, ao repassar obras

de autores tão diferentes, jamais se restrinja ao mero comentário; antes, como senhor do próprio pensamento, Souza utiliza do instrumental teórico encontrado neles para abordar a "razão idolátrica" sob seus diferentes registros.

O ponto de partida da reflexão é o reconhecimento do papel não indiferente que a idolatria ocupa entre os "temas ancestrais do Ocidente". Em outras palavras, procura-se estabelecer, desde textos fundadores da tradição judaico-cristã, especialmente desde a literatura profética das Escrituras Hebraicas, não apenas o terreno do valor da questão para a nossa cultura, mas, acima de tudo, os termos que de certo modo determinam os contornos definitivos do problema, isto é, o fato de que a idolatria se anima – toma vida – por uma "falácia central", quer dizer, a "crença de que o *vazio possui conteúdo*" (p. 20). Se, por um lado, como denunciam os profetas bíblicos, esse vazio será sempre preenchido por diferentes discursos, por outro, todos esses estão, fundamentalmente, a serviço da injustiça, de tal forma que, ao fim e ao cabo, "o culto à idolatria é sempre [...] um *culto à morte*" (p. 32).

É justamente essa "crença em um conteúdo no vazio" que alimenta as diferentes figuras da "razão idolátrica", que leva, segundo os termos escolhidos por Souza, à experiência atual que atravessamos do adoecimento da linguagem, da vida, do Outro, da esperança, da ética... Da constatação desse cenário, movem-se as duas questões que, como já foi dito, guiam, de certo modo, as duas partes do livro: a primeira diz respeito justamente às condições para a racionalidade idolátrica na modernidade; a outra concerne à tarefa que cabe ao filósofo – se quisermos, à filosofia – nesse tempo de "glória da mediocridade" (p. 11).

Por sorte não cabe ao gênero da resenha oferecer um resumo da obra apreciada, o que, ademais, no presente caso seria se não impossível, certamente inútil. Podemos, no entanto, observar o valor que, em *Crítica da razão idolátrica*, se reserva, acertadamente, à linguagem. Com efeito, a crença de que algum conteúdo possa ser extraído do vazio, ou mesmo de que

nele possa florescer algum sentido positivo, pode ela mesma vicejar apenas em um contexto marcado pelo que Souza denomina "atrofia da linguagem" (p. 33) e "atrofia da imaginação" (p. 43), ou ainda, amparando-se em Hannah Arendt, pela identificação entre a "incapacidade de falar" e a "incapacidade de pensar" (p. 38). Dito de outro modo, a razão idolátrica, no que tange especificamente ao "adocimento da linguagem", repousa sobre um "círculo idiótico" (p. 38) que interdita qualquer possibilidade de penetração da realidade enquanto tal; circunstância que, não por acaso, dá lugar à ideia de

[...] delírio paranoico *lato sensu*, que habita não um indivíduo ou psiquismo "particular", mas uma atmosfera de existência que se substitui a uma sociedade propriamente pensante e ativa na consciência de sua origem e perduração, numa espécie de onirismo paralisado (p. 38).

A carência de realidade se mostra, portanto, tão perigosa quanto a maldade deliberada, pois, como Arendt demonstrou de forma cabal ao analisar o caso de Eichmann, a "ausência de sinais de atividade cerebral" (p. 48) é condição essencial para a "obediência cadavérica" (p. 41), invariavelmente posta aos préstimos da injustiça. Estão em jogo, assim, relações existenciais, no sentido mais amplo que esses termos possam carregar, pois tudo aqui tem a ver com posturas de relutância em pôr em questão perspectivas particulares acerca da realidade, muitas vezes perspectivas que ameaçam frontalmente a vida. Logo, a violência decorrente do "círculo idiótico" pode ser interpretada justamente como atitude de rigidez que, por razões pessoais ou sociais, conscientes ou não, animam, a todo custo, essas leituras idolátricas ou ideológicas da realidade, sempre hostis a qualquer diferente visão do mundo. A saída comumente buscada é o recurso ao *slogan*, à frase feita, ao discurso pronto, ou, muito simplesmente, ao palavrório no qual "não subsiste uma única palavra real, pois tudo se transformou em fórmula circular, que reenvia constantemente para o adiamento de um possível sentido, pois é do sentido que o palavrório pretende precisamente escapar" (p. 37).

Souza deixa claro já nas páginas da Introdução que a razão idolátrica, como "razão servil", não existe sem uma forma de razão mais sofisticada que a sustente, um alicerce mais sólido, uma "outra razão não obtusa, esperta, sutil, perspicaz na persecução de seus interesses", denominada pelo autor "razão ardilosa" (p. 13). Essa última, por sua vez, se encarrega de sustentar a violência e a vulgaridade do mundo, operando, para tanto, através da submissão da moral à técnica. A razão idolátrica ou vulgar – chamaríamos também razão delirante – é, em parte, resultado deste trabalho.

Quanto à tarefa do filósofo, essa ganha seu desenho preciso quando confrontada à moldura posta pela razão idolátrica, ou seja, quando tomada diante de um mundo quase inteiramente mergulhado na irreflexão. Aqui, Souza se volta à alegoria do "despertar", tomada sobretudo do pensamento de Benjamin, mas também de Kafka, Rosenzweig e Levinas. Não por acaso o tema é colocado no centro da segunda parte do livro, como noção-guia das próprias condições da crítica da racionalidade idolátrica, pois é apenas pelo "despertar" que o real se intromete no epicentro da realidade; aliás, "*o real é o despertar*" (p. 229).

A segunda parte da obra é precisamente uma espécie de inventário das estruturas da crítica à racionalidade idolátrica como figuras desse despertar. É nesse sentido que o autor aborda temas como a desconstrução da rigidez, a linguagem, o tempo, a arte e a vontade. Em tudo isso, a questão decisiva é a "re-inscrição do real (agora presente, embora ainda-não) real" (p. 284). Logo, em última instância, a crítica proposta por Souza é um convite à "fidelidade ao real" (p. 253), o que, para o pensamento filosófico, significa também "reencontrar o caminho do *sentido possível* da racionalidade" (p. 252). É nesse sentido que nós, que "vivemos a era da razão idolátrica" (p. 285), devemos escolher *despertar* como "expressão de coragem civil".

A relevância do livro de Ricardo Timm de Souza se impõe. O autor não só alcança pleno sucesso em sua "síntese temática" e "orgânica" (p. 15), coisa difícil considerando a abrangência do tema e a variedade das referências buscadas –, mas

termina por provocar no leitor interessado em filosofia a urgência em repensar a natureza da própria tarefa à luz da consciência da extensão dos problemas e da insuficiência de velhas posturas. Por fim, para devolver-lhe a palavra, tem particular candência o alerta que reza o seguinte: “a loucura está sempre entre *portas*; quem olvida tal fato terá muito provavelmente de prestar, em algum momento, contas à história” (p. 50).

---

### Judikael Castelo Branco

Doutor em Filosofia pela Universidade Federal do Ceará (UFC) e pela Université de Lille (França). Professor da Universidade Federal do Tocantins (UFT) e colaborador do Instituto Eric Weil, da Universidade de Lille.

---

### Endereço para correspondência:

Judikael Castelo Branco

Universidade Federal do Tocantins – Câmpus de Palmas

Avenida NS 15, Quadra 109 Norte, Plano Diretor Norte

Bloco Bala II, Sala 207

7001-090

Palmas, TO, Brasil

*Os textos deste artigo foram revisados pela Texto Certo Assessoria Linguística e submetidos para validação dos autores antes da publicação.*